

LEONARDO MOTA NETO

CONHEÇO BRASILENSES

ave

p 2

Ainda se sonha com a Carta

Se a imprensa fiscalizasse o Poder Executivo como fiscaliza o Legislativo, certamente iria descobrir que as mazelas imputadas aos parlamentares e à instituição congressual estão longe de caracterizar as distorções habitualmente apresentadas nos meios de comunicação. Cultor de histórias, professor, o deputado Marcelo Cordeiro, jovem parlamentar pela Bahia, respeitado por seus pares, e pela força natural do diálogo integrando hoje o movimento Centrinho, faz uma leitura não tão drástica do papel do Congresso, dos parlamentares e da classe política como um todo. O texto da Constituinte para ele é bom. Reflete o pensamento médio da sociedade, com o que tem de bom, mediano, ruim e sofrível.

A Constituinte não poderia deixar de expressar esse corte social, lembra Cordeiro. Senão seria um clube de elites ou uma sociedade secreta, indo de um extremo a outro. A Assembleia reuniu um retrato acabado da sociedade brasileira e não produziu, até aqui, exatamente um texto vil.

O sectarismo teria sido o responsável pelo caminho sinuoso que tornou o encaminhamento constitucional após uma primeira jornada de entendimento em que foi produzido um admirável projeto de regimento interno, com filtros das tendências das sub-comissões e comissões funcionando a cada vencimento de etapa. O sectarismo, aponta o deputado Marcelo Cordeiro, foi o agente catalisador de uma necessidade de afirmação pós-eleitoral, notadamente para o sena-

dor Mário Covas, vindo de oito milhões de votos, para uma platéia que exigia a repetição de sua performance, agora na liderança do PMDB na Assembleia. Covas atraiu, como ato reflexo, pesos contrários ao contrapeso ideológico: os movimentos de rebelião, na ala conservadora do PMDB, o esmagamento da expressão da rua através das emendas populares, e finalmente esse fenômeno formidável que é o Centrão. Todos filhos da maloria imediatista das esquerdas, mais abatidas pela doença infantil que ocorre toda a vez que está diante do poder. Reflete Marcelo Cordeiro que, apesar disso, o texto da nova Constituição será um comprovação de que o entendimento a tudo superará. Os meios de comunicação, pensa Cordeiro, não deveriam ser tão cáusticos com a instituição, pois ainda não há uma resultante, que a qualquer momento prevalecerá. O parlamentar não é passível de encontrar espaços para venalidades, mesmo porque, para sobreviver, tem de se expor à luz do sol, buscando contato permanente com sua clientela eleitoral. É um agente exposto ao julgamento público, que não dá margens a sociedades secretas a fundo perdido. O Congresso age às claras, até para errar. São erros profundamente democráticos e sociais: a sociedade brasileira, no fundo, é isso, esperançosa ainda, capaz de aguardar o entendimento final que resgatará o sonho dos constituintes. Sim, porque muitos deles ainda são capazes de sonhar.

28 JAN 1988